

Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA

Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

ANNA BROCKES

1852-1940

(Celeste Ribeiro de Sousa)

2012

O cego e o coxo*

Anna Brockes

Um cego e um coxo moravam lado a lado. Eram tempos difíceis: havia chovido muito e durante muitos meses; já não havia mais sal e com o aumento do volume das águas daqueles riachos e rios ninguém ousava buscar o tempero na distante Pyrenopolis. A consequência disto era que não se abatia mais nem boi nem novilha.

Havia semanas que os dois vizinhos já não sabiam mais o que era sentir um fiapo de carne entre os dentes. Uma noite, em que ambos estavam metidos em casa, conversando, o cego se queixou: "Já quase não agüento mais essa comida, esse eterno Angú: hoje com Quiabo, amanhã com Abobora, e sempre sem sal e sem carne!" "Eu também não me dou nada bem com essa ração; meu 'papo' dói e se continuar assim ainda por muito mais tempo, ele vai ficar do tamanho de uma Cabasse!" retrucou o coxo. "Eu sei onde conseguir carne, mas você precisaria me ajudar; o que acha?" O cego, sem pestanejar, respondeu: „Nisto eu ajudarei com prazer; se puder fazer algo, diga logo o que é!" Durante algum tempo os dois ainda permaneceram cochichando.

Na manhã seguinte, mal o céu avermelhara no leste e ao redor todos ainda dormiam, ambos deixaram sorrateiramente suas casas; o

* Tradução de Marlene Holzhausen. Brockes, Anna. *Der Blinde und der Lahme*. Texto inédito encontrado no Arquivo do Instituto Martius-Staden.

coxo subiu nos ombros do cego e eles seguiram em direção ao Camp. O cego carregou o seu cavaleiro para muito longe, por uma trilha de chão batido praticamente só por bovinos, em direção ao Barreiro de um lambedor de sal natural. Pararam sob uma árvore de tronco grosso. O coxo desceu e ficou à espreita atrás da árvore com uma longa faca afiada nas mãos, enquanto o cego, nesse meio tempo, se deitava na grama.

Não demorou muito para ouvirem o trotar dos cascos, que aos poucos se aproximava mais e mais. O coxo posicionou a faca para o golpe, mas, infelizmente, como o bufar e o urrar logo lhe denunciaram, não ia dar certo desta vez. Era um Maruá, um touro enorme, que ele não ousava atacar, assim como também não o rebanho a seguir; aí então, dentre os poucos retardatários que se aproximavam havia uma bela novilha de uns dois anos de idade: um golpe violento e certeiro de faca fez com que, após alguns poucos saltos e pulos, ela desabasse e quando os dois famintos chegaram até ela, já estava morta no chão.

Às pressas, o coxo juntou lenha seca, acendeu uma fogueira; em seguida, esculpiu um espeto liso e começou a tirar o couro do lombo da novilha. Mal tinha livrado uma pequena parte do couro, e não conseguia mais domar sua avidez pela carne: cortou rapidamente um pedaço e segurou-o sobre a brasa. Quando o cheiro de carne assada começou a se espalhar, o cego se queixou: "Você já está assando a carne?! Me dê um pedaço aqui, rápido, rápido! Eu estou morrendo de fome!" O coxo fez-lhe uma careta, olhou à sua volta buscando alguma coisa, com a qual pudesse bulir com o cego, e viu uma rã morta na trilha, que fora pisoteada pelos cascos dos bovinos. Ele pegou-a e, após retirar o seu pedaço de carne assada, ajeitou a rã no espeto. Depois de assada, o coxo estendeu-a para o cego que, esfomeado, imediatamente deu-lhe uma mordida vigorosa. Ao morder a carne dura, da qual não se conseguia facilmente tirar um pedaço, o líquido corrosivo das glândulas que as rãs possuem sobre o dorso, espirrou dentro dos olhos do cego, para sua cura, pois o fluido destruiu a pele que lhe cobria as pupilas. Alegria e espanto daquele que passara a enxergar. No entanto, ao perceber entre seus

dedos o espeto com a rã assada, sentiu um ódio imenso e, praguejando, lançou-se sobre o coxo. Durante algum tempo, esmurrou-o, e o outro, ciente de sua culpa, se defendia muito pouco e jurava que tinha sido apenas uma brincadeira inofensiva. "Pare agora, vamos comer", disse ele finalmente, ao que o cego, agora curado, soltou-o e ambos se viraram para a rês. Mas, que azar! Sem vigilância, o fogo pulou primeiro para a grama aquecida e pisoteada e, a seguir, alcançou o capim dos Campos, que já ultrapassava a altura de um homem, pois há mais de dois anos não sofrera queimada. "Corra, corra!" gritou o cego, e correu quanto pode, pelas chamas mais baixas. "Ai de mim!" gritou o coxo, „agora eu vou queimar aqui!“ Rapidamente pegou uma vara resistente do meio do fogo e utilizando-a como apoio, saiu também coxeando pelo meio do fogaréu. No entanto, como só avançava muito devagar, crestado e chamuscado, ele chegou a casa mais morto que vivo.

Na manhã seguinte, ao se levantar da cama miserável, constatou que suas pernas, antes paralisadas, estavam flexíveis e que ele conseguia andar sem muletas.